

# **A TEOLOGIA DA REVELAÇÃO A PARTIR DA ESCRITURA NA IGREJA: ANOTAÇÕES DE ALGUNS PONTOS RELATIVOS À TEOLOGIA DA REVELAÇÃO SEGUNDO UMA APROXIMAÇÃO COM A ESCRITURA PROCLAMADA NA IGREJA E A MEMÓRIA DO SENHOR PRESENTE NA COMUNIDADE DE FÉ**

*Prof. Ms. Pe. Mauro Negro, OSJ\**

*Dedico este artigo à memória de meu amado pai,  
Sr. Nelson Negro (1927-2006).*

## **RESUMO**

*A Revelação é a aproximação de Deus em relação ao Homem. Ela se dá em momentos históricos e na própria História. Assim, pode ser compreendida quando se olha para a História. Esta se torna "Economia", História da Salvação e vai progredindo conforme o Homem pode aproximar-se mais de sua Fonte. A Igreja - Comunidade dos Discípulos - tem acesso a isto e vive da experiência com o Revelador, Jesus Cristo. Ela o faz na intimidade com a Escritura e na atualização de sua Memória.*

*Palavras-chave: Revelação; História da Salvação; Escritura; Memória do Senhor.*

## **ABSTRACT**

*The Revelation is the approach of God in relation to the Man. It happens in historical moments and in the proper history. So it can be understood when you look at the history. This history becomes "Economy", History of Salvation and goes progressing as a Man can get closer to its source. The Church, Community of Disciples, has access to it and lives the experience with the Revelator, Jesus Christ. She does this in private with Scripture and update of its Memory.*

*Key-words: Revelation; History of Salvation; Scripture; Memory of the Lord.*

---

\* Professor de Teologia Bíblica na PUC Assunção (mauronegro@uol.com.br).

Vejamos estes trechos do Antigo e do Novo Testamento em toda a sua força lírica. Observemos nos dois primeiros a bela estrutura poética.<sup>1</sup> O primeiro é a introdução do poema da criação, forte e rico de imagens. O segundo é parte do magnífico prólogo de João.<sup>2</sup> No terceiro, os paralelismos e complementações vão se sobrepondo através de palavras, conceitos e até frases, formando um anúncio coeso e denso de significado.<sup>3</sup> Na quarta perícopes, temos o interessante texto de João em que vemos Jesus fazendo um trocadilho com o Nome de Deus e se identificando com Ele, o que provoca a fúria de seus ouvintes.

### **Gênesis 1,1-3:**

<sup>1</sup> *No princípio, Deus criou o céu e a terra.*

<sup>2</sup> *A terra estava deserta e vazia, as trevas cobriam o Oceano e um vento impetuoso soprava sobre as águas.*

<sup>3</sup> *Deus disse: "Faça-se a luz!" E a luz se fez.*

### **João 1,1-4:**

<sup>1</sup> *No princípio era o Lógos, e o Lógos estava com Deus, e o Lógos era Deus.*

<sup>2</sup> *No princípio ele estava com Deus.*

<sup>3</sup> *Todas as coisas foram feitas por meio dele e sem ele nada se fez do que foi feito.*

<sup>4</sup> *Nele estava a vida, e a vida era a luz dos seres humanos.*

### **1 João 1,1-4:**

<sup>1</sup> *O que **era** desde o princípio, o que **ouvimos**, o que **vimos** com os olhos, o que **contemplamos***

<sup>1</sup> Cf. Cássio Murilo Dias da SILVA, *Metodologia de exegese bíblica*, p. 299-309.

<sup>2</sup> Cf. o comentário de A. FEUILLET, *O prólogo do quarto Evangelho*. Embora o texto seja antigo (1968 no original francês, 1971 na tradução brasileira), encontra-se ainda uma perspicaz análise. Veja as p. 29-52.

<sup>3</sup> Cf. o interessante comentário de Giacomo DANESI, *As epístolas de João*. In: Teodorico BALLARINI (org.). *Epístolas do Cativo, Pastoris, Hebreus, Católicas, Apocalipse*. Cap. XI. Apud: Teodorico BALLARINI et alii. *Introdução à Bíblia*. Vol. V/2, p. 399-400.

e nossas mãos **apalparam** no tocante ao *Lógos da vida* —  
<sup>2</sup> porque a vida se manifestou e nós vimos e testemunhamos,  
anunciando-vos a vida eterna que estava com o Pai e **nos foi mani-  
festada** —

<sup>3</sup>o que **vimos** e **ouvimos**, nós também vos **anunciamos**  
a fim de que também vós vivais em comunhão conosco.

Ora, nossa comunhão é com o Pai e seu Filho, **Jesus Cristo**.

<sup>4</sup> **Nós vos escrevemos estas coisas para nossa alegria ser completa!**

**João 8,56-58:**

<sup>56</sup> “Abraão, vosso pai, alegrou-se porque haveria de ver o meu dia.  
Viu-o e exultou”. <sup>57</sup> Os judeus disseram a Jesus:

“Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?”

<sup>58</sup> Jesus respondeu: “Em verdade, em verdade, eu vos digo:  
antes que Abraão existisse, **eu sou**”.

**1. Dabar e Lógos: Palavra e Ação** — *Dabar* significa, em hebraico, “palavra”. Pode também ser traduzido por “coisa” ou mesmo “ação”.<sup>4</sup> *Lógos* é também “palavra”, podendo ser também “coisa”, “fato” e muitas vezes aparece traduzido como Verbo.<sup>5</sup> A palavra gera uma ação em Gênesis 1,1-2,4a, o poema da criação da escola sacerdotal. A Palavra criadora se faz “carne” — ser humano — em Jesus Cristo. Este é o início do ponto mais alto da “Economia” (a História da Salvação) ou intervenção de Deus. A Revelação é a Palavra, o fato ou a ação de Deus na História. É uma palavra escrita e são ações concretas. Por isso, pode-se dizer que a Revelação é **manifes-  
tada**, não apenas escrita. E isto se dá em Jesus Cristo, que é a Palavra e a Revelação, pois é Ele que dá a conhecer. Apocalipse 1,1: *Revelação de Jesus Cristo... Revelação (apocalipses)* “de” Jesus Cristo: “de” no sentido de “feita por” ou “através” de Jesus Cristo; e também no sentido de “a respeito”, “sobre” a ação (testemunho, cf. final do v. 2) de Jesus Cristo.

<sup>4</sup> Cf. Alonso Maria SCHÖKEL, *Dicionário bíblico hebraico-português*, p. 147-50.

<sup>5</sup> Cf. Carlo RUSCONI, *Dicionário do grego do Novo Testamento*, p. 288-289.

## 1. DIFICULDADES E DESAFIOS COMUNS

**2. Avanços e dificuldades** — Os cristãos devem **conhecer a Bíblia** e ter informações adequadas para sua correta compreensão.<sup>6</sup> A difusão de vários cursos bíblicos, com os mais diversos modos de apresentação e enfoque do texto, trouxe grande desenvolvimento, mas também, contraditoriamente, algumas dificuldades.

Muitos dos problemas de interpretação bíblica estão na própria dificuldade de leitura, especialmente em três aspectos: na falta de método, no que ouse chamar de “saber demais” e no fundamentalismo. Vejamos:

**3. Falta de método** — A ausência de um método na leitura da Bíblia cria embaraços frequentes na interpretação. Método<sup>7</sup> é saber onde **começar** e onde **terminar**; onde está o **meio**; como **dividir**; quais os **critérios** para seguir estas indicações; quais são as **regras** para chegar até este ponto etc.

O método<sup>8</sup> ensina a respeitar as **regras da língua**, o **período histórico** e a **intenção do autor**. O método supõe, aliás, que existam um **autor** e um **leitor**. No diálogo entre ambos é que surge a **mensagem**. São usados códigos, expressões, sinais etc. É preciso conhecê-los no seu contexto.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> “Do mesmo modo, o sagrado Concílio exorta com ardor e insistência todos os fiéis, mormente os religiosos, a que aprendam ‘a sublime ciência de Jesus Cristo’ (Filipenses 3,8) com a leitura frequente das divinas Escrituras, porque ‘a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo’. Debrucem-se, pois, gostosamente sobre o texto sagrado, quer através da sagrada Liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por outros meios que se vão espalhando tão louvavelmente por toda a parte, com a aprovação e estímulo dos pastores da Igreja [...]. Compete aos sagrados pastores, ‘depositários da doutrina apostólica’, ensinar oportunamente os fiéis que lhes foram confiados no uso reto dos livros divinos, de modo particular do Novo Testamento, e sobretudo dos Evangelhos. E isto por meio de traduções dos textos sagrados, que devem ser acompanhadas das explicações necessárias e verdadeiramente suficientes, para que os filhos da Igreja se familiarizem dum modo seguro e útil com a Sagrada Escritura, e se penetrem do seu espírito” (CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática sobre a Sagrada Revelação *Dei Verbum*, n. 25ab).

<sup>7</sup> Veja a obra de Antonio Joaquim SEVERINO, *Metodologia do trabalho científico*, onde se encontram muitos argumentos relativos à importância do método e sua própria índole científica, podendo ser muito bem aplicada à ciência teológica. Consulte especialmente as p. 99-111.

<sup>8</sup> Consulte o documento da PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Lá se encontram alguns comentários sobre as questões metodológicas, especialmente nas p. 37-86.

<sup>9</sup> Já Santo Agostinho, em sua obra *A doutrina cristã*, comentava sobre os sinais descritos na Escritura. Cf. SANTO AGOSTINHO, *A doutrina cristã*; manual de exegese e formação cristã, p. 85-148.

**4. “Saber demais”** — Quem vai estudar a Bíblia “já sabe muito...”. Isto é, pensa que sabe! E por isso é quase impossível apresentar uma ideia correta ou nova face a todo um suposto conhecimento que a pessoa já tem. Sabe-se demais em função dos muitos cursos bíblicos e leituras espiritualizadas que acontecem. São úteis e oportunas, como já dissemos, mas às vezes frágeis pela quase total ausência de informações literárias e históricas que um texto exige.

**5. Fundamentalismo** — Um dos grandes problemas que existem, em todas as confissões cristãs, é o fundamentalismo.<sup>10</sup> Ele supõe a palavra apenas como ela está escrita. Não leva em conta os gêneros literários, os períodos históricos envolvidos, o próprio desenvolvimento do texto e sua relação com outros livros e partes de livros (sincronia e diacronia).

É preciso então conhecer alguns elementos básicos para poder trabalhar com facilidade os textos bíblicos. Isso supõe um método (conhecimento de alguns princípios), a abertura de espírito e inteligência (não “saber muito”, mas estar disposto a aprender sem tirar conclusões e querer apresentá-las antes do tempo; pensar e refletir mil vezes antes de falar), e ter a certeza de que a Bíblia apresenta coisas mais interessantes e de modos mais criativos do que se imagina ou se entende em uma primeira e superficial leitura.

## **2. BASES DA EXPERIÊNCIA DE LER E SEGUIR**

### **2.1. Continuidade da experiência**

**6. Ler na continuação da Tradição** — Os cristãos fazem parte de uma grande estrada,<sup>11</sup> iniciada em Pentecostes e mantida durante séculos de História. Eles não leem a Bíblia por conta própria, sem correspondência ou comunhão com alguém. Os cristãos leem a Escritura com o auxílio da Tradição de seu grupo, a Igreja.

Os Atos dos Apóstolos retratam a primeira comunidade cristã de um modo muito interessante e esclarecedor:

---

<sup>10</sup> São muitos os comentários a respeito. Sugiro: Cássio Murilo Dias da SILVA, *Metodologia de exegese bíblica*, cit., p. 319-323.

<sup>11</sup> Sintomático que em Atos dos Apóstolos 9,2 identifique-se o conjunto dos discípulos de Jesus como “o caminho”. Recorde-se, sobretudo, que Jesus aponta e declara-se como sendo o próprio “caminho”.

**Atos dos Apóstolos 1,42-47:** *Frequentavam com assiduidade a doutrina dos apóstolos, as reuniões em comum, o partir do pão e as orações. De todos apoderou-se o medo à vista dos muitos prodígios e sinais que faziam os apóstolos. E todos que tinham fé viviam unidos, tendo todos os bens em comum. Vendiam as propriedades e os bens e dividiam o dinheiro com todos, segundo a necessidade de cada um. Todos os dias se reuniam unânimes no Templo. Partiam o pão nas casas e comiam com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus entre a simpatia de todo o povo. Cada dia o Senhor lhes ajuntava outros a caminho da salvação.*

É muito significativo que, segundo o v. 46, os discípulos frequentassem todos os dias, de modo unânime, o templo. Isso indica que eles eram judeus que se identificavam no seguimento comum de Jesus Cristo. Ainda não havia divisão entre o judaísmo e o cristianismo, pois este último ainda não existia separado do primeiro.

Além da frequência cotidiana ao templo, os dados mais importantes são quatro: **doutrina dos Apóstolos, reuniões em comum, partir do pão e orações.**

## 2.2. Doutrina dos Apóstolos

**7. Ensino original** — A doutrina dos Apóstolos é o ensinamento da Igreja. Observemos que, no momento apresentado pelo Livro dos Atos dos Apóstolos, que são os primeiros momentos da Igreja, não existia ainda, propriamente, a Escritura Cristã — o Novo Testamento. Serão necessários ainda diversos anos para que os primeiros escritos cristãos apareçam. Os Apóstolos e seus colaboradores então deviam ensinar a viva voz, transmitir, fazer com que os outros discípulos pudessem conhecer o que o Mestre Jesus havia dito, feito e ensinado.

A este respeito, encontra-se em Atos dos Apóstolos 15, durante a narração da Assembleia Apostólica de Jerusalém, um elemento interessante. Sabemos que a situação de Paulo e de seus companheiros não era das mais favoráveis diante dos judeus e judaizantes. Segundo o texto de Atos, eles, Paulo e Barnabé (Atos 15,2), acompanhados por Tito (segundo Gálatas 2,1), são mandados até Jerusalém para apresentarem-se aos líderes (que Paulo identifica, não sem certa ironia, como “notáveis” em Gálatas 2,6, quando apresenta sua versão da mesma Assembleia).

Eles são ouvidos e depois duramente questionados. Vem então Pedro, que já parecia ausente em definitivo do Livro de Atos, e apresenta seu encontro com gentios e o batismo a eles conferido.

Depois disso, Tiago, ao que parece o verdadeiro líder do grupo cristão da Igreja-Mãe de Jerusalém, escreve uma carta que intentava decidir a situação. É esta decisão que implica algo notável. Em 15,28 lemos: *Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor nenhum outro peso além destas coisas necessárias*. As tais *coisas necessárias* sabemos o que são, pois são citadas anteriormente na carta: a abstenção das carnes imoladas aos ídolos, do sangue, de carnes sufocadas e de uniões ilegítimas. O que chama a atenção e é realmente importante aqui é a formulação: *Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...* Já não se alega a autoridade da Torá, mas sim a presença do Espírito Santo e a autoridade de “nós”, isto é, o grupo de Apóstolos e anciãos.

O que ocorreu é que aqueles cristãos das origens, com todos os seus limites e, em muitos casos, visões estreitas, deixam de seguir a Torá (ao menos como fonte única de autoridade) e começam a fazer, eles próprios, a *didaké*, isto é, a instrução, a determinação, a orientação que vem do fato de terem o dom do Espírito e serem discípulos de Jesus. É neste sentido que este episódio, o Concílio ou a Assembleia Apostólica de Jerusalém, tem uma notável importância. É o testemunho escrito da evolução do pensamento cristão: não mais a Torá, mas a *didaké*, o ensinamento dos Apóstolos.

### 2.3. Reuniões em comum

**8. A vida da Igreja** — São os encontros comuns para o ensino, para a solução de problemas da comunidade e todo momento em que o grupo se reunia em nome de sua nova experiência: o seguimento de Jesus Cristo. Tal elemento dá-se em função da experiência de estar em comunhão. Este dado tem fundamental importância quando se lê em Atos dos Apóstolos a atitude de obséquio da parte da Igreja de Antioquia face à autoridade da Igreja-Mãe de Jerusalém. Em Gálatas, quando conta a sua versão do fato, Paulo indica claramente a necessidade que sentia de estar de alguma forma em comunhão com os outros: *Expus-lhes [...] o evangelho que prego entre os gentios, a fim de não correr, nem ter corrido em vão* (2,2).

## 2.4. Partir do pão

**9. Celebração da Eucaristia** — O ato de partir o pão é como uma identidade, uma “senha” de identificação da Pessoa ou do fato relativo à Pessoa de Jesus. É a repetição<sup>12</sup> do que o Mestre fez na última ceia,<sup>13</sup> como se lê<sup>14</sup> nas passagens seguintes:<sup>15</sup>

**Mateus 26,26:** *Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e pronunciou a bênção. Depois, partiu o pão e o deu aos discípulos, dizendo: “Tomai e comei, isto é o meu corpo”. Depois, tomou um cálice e, dando graças...*

**Marcos 14,22-23:** *Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e pronunciou a bênção. Depois partiu o pão e deu-lhes, dizendo: “Tomai, isto é o meu corpo”. Depois, tomou um cálice e, dando graças, deu-lhes e todos dele beberam.*

**Lucas 22,19:** *E, tomando um pão, deu graças, partiu-o e deu-lhes dizendo: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim”.*

**10. O Pão da Vida** — Quem toma o Pão da Vida passa a ter a vida. A continuidade da experiência dá-se também pelo acesso a este pão, e a sua presença e partilha formam identidade comunitária. O texto de João 6

<sup>12</sup> Encontramos em Cesare GIRALDO, Num só corpo, muitas oportunas análises textuais das narrativas da instituição, especialmente nas p. 145-186.

<sup>13</sup> É interessante que o texto grego, bem como, em geral o texto em português, não apresenta o verbo “multiplicar” nestas perícopes. Lá temos o verbo “lambáno”, tomar, na forma de particípio aoristo ativo nominativo masculino singular em Lucas, “labón”, nas três perícopes. Temos o verbo “dídomi”, dar, na forma de particípio aoristo ativo, nominativo masculino singular, “doús”, em Mateus e depois na forma de indicativo aoristo ativo, terceira pessoa singular, “édoken” em Marcos e Lucas. Vem também o verbo “kláo”, partir, na forma de indicativo aoristo ativo, terceira pessoa singular, “éklasen” nos três relatos. Temos o importante verbo “eucharistéu”, bendizer, dar graças, na forma de particípio aoristo ativo nominativo masculino singular, “eucharistéas”, nos três passos sinóticos. Temos também em Mateus e Lucas o verbo “eulogéo”, bendizer, na forma de particípio aoristo ativo nominativo masculino singular, “eulogéas”, que falta em Lucas. A referencia que se faz a este passo como “multiplicação dos pães” não é adequada, portanto, ao próprio texto.

<sup>14</sup> Quem desejar aprofundar estes conceitos relativos às narrações da instituição, sugiro consultar a interessante obra de Juan A. Ruiz de GOPEGUI, *Eukharistia*, p. 61-74.

<sup>15</sup> Veremos apenas uma das versões da “partilha dos pães” em Mateus e Marcos. Em Lucas já é apenas uma a perícopes que traz o episódio.

é o grande momento do Pão da Vida, primeiro no sinal (vv. 1-15), depois no longo discurso e no debate que ele provocou (vv. 22-66).

**João 6,11:** *Então Jesus tomou os pães, deu graças e deu-os aos que estavam sentados. Fez o mesmo com os peixes, dando-lhes o quanto queriam.*<sup>16</sup>

**11. O encontro em Emaús** — Sobretudo o sinal é o símbolo do **Ressuscitado**, como encontramos na passagem dos discípulos que vão a Emaús. A partilha do pão, a fração do pão, é como uma senha, propriamente um “símbolo”:

A realidade simbólica resulta um meio de comunicação-comunhão, uma mediação de união. Assim, o símbolo serve-se de uma realidade sensível para indicar (referir, remeter, mediar) a existência de algo que não se percebe pelos sentidos.

Etimologicamente, a palavra símbolo vem do grego *sim-balein*, que significa: pôr com, reunir; remete a contra-senha; por exemplo, o fragmento de uma moeda ou de uma medalha partida que somente cumpre sua missão quando volta a juntar-se com a outra metade separada. O termo oposto ao símbolo é *diabolos*, que divide.<sup>17</sup>

Lemos nessa passagem dos “discípulos a caminho de Emaús”:

**Lucas 24,30:** *E aconteceu que, enquanto estava com eles à mesa, tomou o pão, rezou a bênção, partiu-o e lhes deu.*

Gestos que se repetem — tomar o pão, orar, bendizer, partir. E o sinal está feito. É a “pro-posta” que agora espera uma “res-posta”: as duas partes do símbolo, uma que podemos dizer seja a “senha” e a sua “contra-senha”. Acontece o reconhecimento de uma parte em relação à outra. Este conjunto forma o símbolo e leva à compreensão do fato, à percepção de sua realidade e verdade, à sua adesão.

<sup>16</sup> Falta neste versículo apenas a “benção” ou a ação de bendizer, expressa pelo verbo “eulogéo”, presente nos versículos dos relatos paralelos dos sinóticos.

<sup>17</sup> V. M. PEDROSA; M. NAVARRO; R. LÁZARO; J. SASTRE, *Dicionário de Catequética*. Verbete: Símbolo, p. 1038.

**Lucas 24,31-33:** *Então, abriram-se os olhos deles e o reconheceram, mas ele desapareceu. Disseram então um para o outro: “Não nos ardia o coração quando pelo caminho nos falava e explicava as Escrituras?” Na mesma hora se levantaram e voltaram para Jerusalém.*

**12. Fração do Pão** — Fração do Pão é um dos nomes mais primitivos do rito que hoje nós chamamos de Eucaristia. E a palavra *Eucaristia* quer dizer justamente **ação de graças**, expressão presente em todos os textos anteriormente transcritos. Vemos que a Igreja das origens vive em torno da Pessoa do Mestre, reproduzindo os sinais que Ele havia deixado e sendo ensinada pelos que o ouviram. Eles estão fazendo a Palavra de Deus acontecer e estão compreendendo a Revelação, pois estão dentro dela.<sup>18</sup>

## 2.5. Orações

**13. Referência contínua ao Senhor** — As orações são todos os momentos que os judeus deviam orar e podiam fazê-lo juntos. Eles as faziam para ter uma referência contínua ao Senhor. É a prática de oração contínua e perseverante que os cristãos herdaram e que está na raiz de diversas tradições cristãs.

Estes primeiros momentos da Igreja parecem muito simples, luminosos e espontâneos, pois são frutos da descoberta do que foi revelado — Jesus Cristo é o Senhor, e a salvação começa no momento em que o aceitamos. Esta aceitação vem pela adesão à sua Pessoa e à verdade de sua Missão.<sup>19</sup> Isto tudo se expressa pelo testemunho de quem é discípulo. Esta situação é bem expressa por Atos dos Apóstolos 1,8, onde encontramos uma espécie de projeto teológico e literário de Atos que expande o anúncio da Pessoa e Missão de Jesus, isto é, a pregação ou apresentação de sua

<sup>18</sup> Sobre os textos bíblicos relativos à Eucaristia, consultar Xavier LEON- DUFOUR, *O Pão da Vida*.

<sup>19</sup> O Concílio bem expressa esta ideia com uma espécie de díptico: ações e palavras intimamente conexas. Assim lemos na *Dei Verbum*: “Esta economia da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação” (n. 2).

Palavra, desde a origem, Jerusalém, passando pela Samaria e chegando até os confins da terra.<sup>20</sup>

**Atos dos Apóstolos 1,8:** *Mas recebereis uma força, o Espírito Santo que virá sobre vós; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, até os confins da terra.*

## 2.6. A Escritura na Igreja

**14. Proclamar e ouvir na Comunidade de Fé** — O Apocalipse 1,3 apresenta uma afirmação decisiva e que indica o sentido e o lugar onde a Escritura deve ser proclamada, ouvida e seguida:

**Apocalipse 1,3:** *Feliz aquele que lê e os que ouvem as palavras desta profecia e os que observam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo.*

**...aquele que lê...** — Na antiguidade cristã a leitura era feita em voz alta, em assembleia.<sup>21</sup> O leitor transmitia a mensagem de modo que todos pudessem ouvir e, portanto devia proclamar com clareza e em bom som.

**...os que ouvem...** — Os que ouvem encontram-se atentos, são um grupo que se dispõe a estar presente em um momento de leitura pública. Não possuem a habilidade da leitura, mas têm atenção e disposição para ouvir e compreender.<sup>22</sup>

**...as palavras desta profecia...** — O Apocalipse tem um gênero literário chamado, justamente, *apocalíptico*. Aliás, o Livro do Apocalipse chama-se assim em função do gênero literário com o qual ele foi escrito. A palavra “apocalipse” significa *revelação* — é o modo de escrever ou gênero literário que deixa à mostra coisas, fatos e mensagens que estão escondidas. Quem

<sup>20</sup> A respeito do projeto teológico de Atos dos Apóstolos e da importância de 1,8 dentro deste projeto, consultar: Giuseppe MAROCCO, Carlo GHIDELLI. *Atos dos Apóstolos*. In: Teodorico BALLARINI et alii. *Atos dos Apóstolos*; São Paulo e as epístolas aos Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Gálatas e Romanos. Apud: Teodorico BALLARINI et alii. *Introdução à Bíblia*, vol. V/1, p. 63. Também: Daniel MARGUERAT. *A primeira história do Cristianismo*; os Atos dos Apóstolos, p. 53-72.

<sup>21</sup> Veja o estudo de Césare GIRALDO, *Admiração eucarística*; para uma mistagogia da missa à luz da Encíclica Ecclesia de Eucharistia, especialmente as p. 69-94.

<sup>22</sup> Veja os interessantes comentários sobre este modo de estar presente perante o texto sagrado em Cesare GIRALDO, *Admiração eucarística*.

não está preparado para compreender não enxerga. Mas estas coisas são evidentes para os que estão iniciados naquela linguagem. Este modo de escrever não é o mais frequente na Bíblia: o modo profético é o mais usado, e o próprio Jesus seguiu esta linha, com algumas exceções que se encontram nos Evangelhos.<sup>23</sup> Estas exceções, pequenos trechos de cada um dos Evangelhos Sinóticos, são chamados de “apocalipse sinótico”. Enfim, o Livro do Apocalipse se identifica com profecia não no sentido literário do termo mas sim no sentido da “palavra que vem ou procede de Deus”.

**...e os que observam as coisas nela escritas...** — As coisas escritas compõem todo o conjunto do que é ensinado e demonstrado. Estas coisas, se observadas, tornam felizes os que as observam e não infelizes. O v. 3 é, como todo o Livro do Apocalipse, um **texto de esperança e alegria**, não angústia a destruição.<sup>24</sup>

**...pois o tempo está próximo.** — O tempo aqui não é o cronológico: dias, horas, meses... Fala-se aqui de um tempo psicológico, um tempo especial, sem definições que chamamos cronológicas. Pode-se dizer que é o tempo de Deus e como tal está além dos limites estabelecidos pela Natureza. Assim, não é um tempo futuro, mas sim um tempo que pode ser passado, futuro ou presente. O Apocalipse fala do **agora** do leitor e dos ouvintes, não do futuro.

**15. Sentido litúrgico** — O que é mais importante neste versículo é o sentido litúrgico da proclamação da Escritura: **Ela deve ser ouvida e, para tanto, proclamada, em assembleia litúrgica.** É na assembleia ou Igreja que a Palavra tem sentido e se mostra — se revela! — em sua plenitude.<sup>25</sup>

**16. Proclamar em assembleia** — Por isso a Igreja tem como missão proclamar a Palavra. **Proclamar é mais do que ler.** Proclamar é:

É ler em voz alta, de modo claro, com expressão,

<sup>23</sup> Encontramos textos apocalípticos especialmente nos Sinóticos, como em Mateus 24-25; Marcos 13; Lucas 21,5-38.

<sup>24</sup> Cf., para o texto do Apocalipse, o melhor comentário que já vi a respeito: Tarcisio STRAMARE. Apocalipse. In: Teodorico BALLARINI (org.). *Epístolas do cativo*; Pastorais, Hebreus, Católicas, Apocalipse. Cap. XI. Apud: Teodorico BALLARINI et alii. *Introdução à Bíblia*. Vol. V/2, p. 457-526.

<sup>25</sup> Cf. sobre tema o interessante estudo de Joseph A. FITZMYER. *A Bíblia na Igreja*, especialmente a partir da p. 104.

É ler dando a conhecer o que o texto quer mostrar (é revelar!),

É ensinar o que está sendo mostrado,

É despertar os sentidos humanos e a conversão,

É comunicar a Trindade!

**17. Fé (religião) da pessoa, não do livro** — É fundamental, porém, cuidar para que não ocorra a ideia de que o cristianismo é uma religião de um livro, no caso a Escritura. Às vezes, em função de muito destacar a Bíblia, parece que ela é o único caminho que conduz ao Pai. O **caminho que leva até o Pai é Jesus Cristo**. Como Ele leva não é de competência nossa, mas Ele leva.

3. Revelação: conceitos e ideias

**18. Definições** — O *Dicionário Houaiss* identifica a palavra Revelação<sup>26</sup> como substantivo feminino e lhe dá as seguintes definições:

1) ato ou efeito de revelar-se; 2) divulgação de um segredo, uma confidência; 3) informação que se presta com o intuito de fazer outrem conhecer alguma coisa ainda desconhecida, ignorada; [...] 4) descoberta que revela um atributo ou vocação em alguém; [...] 6) indício, informação significativa, que revela fato ou aspecto, geralmente de grande impressão social, antes desconhecido do grande público; [...] 8) Rubrica: teologia: ato pelo qual Deus fez saber aos homens os seus mistérios, sua vontade; 9) Derivação: por metonímia. Rubrica: teologia. a doutrina religiosa revelada; 10) Derivação: por extensão de sentido: conhecimento súbito e espontâneo, geralmente brilhante e/ou oportuno, inspiração como que divina; lampejo, iluminação.

O sentido que aqui interessa é o teológico, e o *Houaiss* identifica como **o ato pelo qual Deus faz saber aos homens seus mistérios, sua vontade**. Assim, há uma projeção da natureza humana sobre Deus. Deus leva ao conhecimento de alguém o que Ele é, como um homem se mostra a outro com o desejo de ser compreendido, captado e seguido. Vê-se que há necessidade, uma espécie de analogia na linguagem. Algo como: assim

<sup>26</sup> Cf. Antonio HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1,0.

como o homem pode ou precisa ou deve mostrar-se e ser conhecido, assim Deus pode ou precisa ou deve mostrar-se e ser conhecido.

Encontramos em Christoph Theobald diversas expressões ou exposições a respeito do que é Revelação. Resumidamente, podemos dizer que é: segredo revelado, indício, sintoma, traço, sinal novo e real. Sobressai a ideia de entendimento.<sup>27</sup>

**19. Presença secreta** — Os conceitos naturais de Revelação são muito impregnados de sentimentos caricaturais do Mistério ou Ser do próprio Deus. Deus aparece escondido sob véus e deve ser descoberto através das forças humanas. Todavia, Ele está lá... Está aí... Está aqui! Mas não é visto. Ele age de alguma forma na Natureza, nos acontecimentos históricos e no Homem, mas não pode ser apreendido e, portanto, merece o respeito reverente que beira algumas vezes o medo irracional.

Esta presença secreta se mostra de modo muito especial nos fatos físicos e nos fenômenos naturais, como seca/chuva, calor/frio, vida/morte etc. Os fatos da existência, encadeados ou isolados, assumem para o senso comum uma dimensão de manifestação divina. Há um território físico, um tempo cronológico e uma linguagem em que tudo isto se dá e que manifesta algo que está fora do usual e palpável. Para ter acesso a isto, é necessário romper um limite e penetrar neste espaço, tempo e linguagem. Isto se dá por meio de outros espaços, tempos e linguagens ou por meio de outras pessoas que podem entrar nesta situação. Assim, este Deus é uma realidade secreta que não está disponível para uso imediato e só pode ser alcançada por um mediador.

Contraditoriamente a tudo isto, o mesmo senso comum supõe que Deus pode ser observado na Natureza e está a um palmo de ser tocado através da flor ou do riacho de água límpida. São imagens inegavelmente muito usuais no senso comum e mesmo usadas na Escritura e em tantos textos sacros do judaísmo e cristianismo.

**20. Respeito, distância e... medo** — Um resultado muito comum destas ideias a respeito de como chegar até Deus é que Ele deve ser alguém “ocupado”, “sério” e que merece respeito, pois “não está para brincadeiras” e, além do mais, “age sobre tudo e sobre todos” de modo a não ter de dar

<sup>27</sup> Christoph THEOBALD. *A revelação*, especialmente nas p. 17-36.

para ninguém satisfações de seus atos. É como um déspota que tem como finalidade única de suas ações o próprio bem-estar e a afirmação contínua de seu poder superior sobre tudo e todos que o cercam.

Por isso, Ele provoca o medo naqueles que o buscam através de suas mediações. Há medo de chegar até Ele, pois Ele não pode ser incomodado, exigido em demasia, contrariado. E, se isto acontecer, Ele reage e as coisas ruins acontecem como uma resposta aos atos falhos individuais ou coletivos. Por isso, Ele deve ser acalmado em sua ira e para tanto se fazem sacrifícios, ofertas e tantos sinais exteriores quantos forem necessários ou possíveis.

**21. Não basta!** — Não é suficiente um conceito assim tão frágil de Deus e uma possibilidade de encontrá-lo tão limitada. Não é possível a afirmação do medo como atitude humana fundamental em relação a Deus se este é o Deus revelado em Jesus Cristo. Não basta um Deus que age como um operador de títeres, sendo os seres humanos e toda a Natureza seus bonecos, operados por mãos invisíveis que agem conforme o gosto ou desgosto de seu dono ou por um destino inevitável, traçado sem nenhuma possibilidade de retorno.

Os sentimentos naturais sobre Deus não são tão naturais quanto podem parecer, pois foram elaborados no interior humano com dados culturais, psicológicos, míticos e midiáticos. Se for verdade que o Homem é ele e sua circunstância, como diria Ortega y Gasset,<sup>28</sup> Deus é a reação do Homem sobre si mesmo e que se projeta sobre as coisas e seres da Natureza e os fatos e eventos da História.

**22. O absolutamente Outro** — Então, nesta analogia de Deus que se mostra para o Homem tal qual o Homem se mostra para si mesmo, o que fica como sendo Deus e sua ação na Natureza e na História é a ideia projetada de si mesmo, do próprio Homem. Ou a fantasia que ele estabelece como ordem natural, muito ligada a um mecanismo de ação e reação, próprio da Natureza mecânica e que ainda é um projetar de algo concreto sobre esta ideia absoluta e absurdamente abstrata de Deus. É esta identidade muito tênue de Deus que provoca a necessidade de projetar algo conhecido e identificá-lo como Deus.

---

<sup>28</sup> “Eu sou eu e o que me circunda”. J. ORTEGA Y GASSET. *Meditação do Quixote*. Apud: Michele Federico SCIACCA. *História da filosofia*, vol. 3, p. 219.

Mas Deus não pode ser como a Criatura ou a Criação. No máximo pode ser imagem e semelhança, que não é, por definição, realidade e igualdade. Ele é o absolutamente Outro que está ou é. As afirmações tão pueris que sugerem que Ele possa ser encontrado dentro da própria pessoa são notavelmente ambíguas, pois aludem à sua presença na própria pessoa como que em uma simbiose natural. “Procuras Deus? — Então, olha para dentro de ti mesmo!” Claro que Deus habita dentro do Homem, mas o sentido disto não exclui a decisiva realidade de que Deus deve ser o absolutamente Outro. E é Ele que precisa ser descoberto. Descobrir a si mesmo é um passo para começar a descobrir a Deus que é o Outro, mas não a meta desta descoberta. Se assim fosse, o Homem ficaria simplesmente na contemplação muda de um espelho que reflete seus traços, mas que não o questiona, não o provoca nem o faz crescer.

A palavra **Revelação** é a expressão usada na Teologia, especialmente a partir dos séculos XVIII-XIX, para designar **a aproximação de Deus em relação ao Homem, seu conhecimento e como isto tudo se dá.**<sup>29</sup>

**23. Revelação do Mistério** — Depois de muito ensinar na Epístola aos Romanos, Paulo eleva um hino de glória a Deus que se manifesta de um modo especial. Isto se lê no final do texto da Epístola:

**Romanos 16,25-27:**

<sup>25</sup> Àquele que é poderoso para vos confirmar segundo meu Evangelho e a pregação de Jesus Cristo, segundo a revelação do mistério mantido secreto nos tempos eternos,

<sup>26</sup> mas agora manifestado mediante os escritos proféticos, conforme a disposição de Deus eterno, que se deu a conhecer a todas as nações para que se rendam à obediência da fé,

<sup>27</sup> a Deus, o único sábio, seja dada por Jesus Cristo a glória pelos séculos. Amém.

---

<sup>29</sup> Não é um conhecimento que o Homem faz de algo fora de si, mas é este algo ou Alguém que está fora do Homem e que se mostra. Este é o argumento que será desenvolvido nas páginas a seguir. Mas por hora é suficiente este axioma: Revelação é conhecimento de Deus e o processo pelo qual isto (o conhecimento) se dá.

Os conteúdos deste texto são de um notável conteúdo teológico. **Mistério secreto, tempos eternos, manifestação, disposição, conhecimento, nações, obediência da fé.**

#### **4. REVELAÇÃO: DESCOBERTA, ENCONTRO, DESLUMBRE, ADESÃO**

##### **4.1. Declaração da Revelação**

**24. Jesus Cristo** — A Revelação tem seu ponto culminante em Jesus Cristo. Na Profissão de Fé Apostólica ou Creio Niceno-constantinopolitano,<sup>30</sup> os cristãos declaram sua fé de modo solene.

**25. Encarnação e Redenção nas Escrituras** — **Encarnação:** Deus se fez Homem em Jesus Cristo. **Redenção:** Este Jesus Cristo foi **crucificado, padeceu (morreu) e foi sepultado. Mas ressuscitou ao terceiro dia.** E tudo isto **...conforme as Escrituras.** Assim as Escrituras assumem um papel importante no conjunto do que chamamos de Revelação.

**Catecismo da Igreja Católica n. 38:** *O homem tem necessidade de ser iluminado pela revelação de Deus, não somente sobre o que ultrapassa seu entendimento, mas também sobre "as verdades religiosas e morais que, de per si, não são inacessíveis à razão, a fim de que estas no estado atual do gênero humano possam ser conhecidas por todos sem dificuldade, com uma certeza firme e sem mistura de erro".*

##### **4.2. Identidade da Revelação**

**26. Revelar o quê?** — Revela-se a **intervenção** de Deus na História. Ele próprio é a intervenção. E a Revelação é este processo. Por que Deus deseja intervir na nossa História e torná-la História de Salvação? Para dar-nos a possibilidade de estar com Ele e Nele. Para ser um com Ele. Para restabelecer a situação originária: o Paraíso terrestre, onde existe paz e vida. Revela-se então a **intervenção de Deus.**

---

<sup>30</sup> Chama-se Niceno-constantinopolitano por ter sido composto em dois importantes Concílios que aconteceram nas cidades de Niceia, no ano 325, e em Constantinopla, no ano 381. É o Creio ou Profissão de Fé comum a todas as antigas Igrejas e é a base da unidade de Fé das Igrejas cristãs.

**Hebreus 1,1-2:** <sup>1</sup> *Muitas vezes e de modos diversos, falou Deus outrora a nossos pais pelos profetas.* <sup>2</sup> *Nos últimos dias, nos falou pelo Filho, que constituiu herdeiro de tudo, por quem criou também o mundo.*

**Apocalipse 22,1-2:** <sup>1</sup> *E mostrou-me então um rio de água da vida, pura como cristal. Saía do trono de Deus e do Cordeiro.* <sup>2</sup> *No meio da rua da cidade, de um lado e de outro do rio, havia uma árvore da vida, que dava doze frutos, cada fruto em seu mês. As folhas da árvore eram saudáveis para as nações.*

### 4.3. Sujeito a ser apresentado na Revelação

**27. Revelar quem?** — Revelar a Deus. Não os deuses que se apresentam de modos diversos e múltiplos, ao gosto do freguês, mas o Deus que cria, que ama, que salva. Não o Deus paternalista que é projetado por nosso psiquismo, mas o Deus que às vezes desconcerta e mesmo escandaliza. Jesus muitas vezes escandaliza.

**1 Coríntios 1,22-24:** <sup>22</sup> *Porque os judeus pedem sinais, e os gregos procuram sabedoria,* <sup>23</sup> *enquanto nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os pagãos,* <sup>24</sup> *mas poder e sabedoria de Deus para os chamados, quer judeus, quer gregos.*

Jesus Cristo revela o Pai e a intensidade de amor que existe entre ambos.

**João 16,1-8:** <sup>1</sup> *Jesus disse estas coisas e depois, levantando os olhos para o céu, acrescentou: “Pai, é chegada a hora. Glorifica teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti.* <sup>2</sup> *Pois lhe conferiste poder sobre toda criatura humana, para que dê a vida eterna a todos aqueles que lhe deste.* <sup>3</sup> *Ora, a vida eterna consiste em que conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste.* <sup>4</sup> *Eu te glorifiquei na terra. Terminei a obra que me deste para fazer.* <sup>5</sup> *E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com a glória que tive contigo antes que o mundo fosse criado.* <sup>6</sup> *Revelei teu nome àqueles que do mundo me deste. Eram teus e tu os deste a mim; e eles guardaram a tua palavra.* <sup>7</sup> *Agora reconheceram que todas as coisas que me deste procedem de ti,* <sup>8</sup> *porque lhes transmiti as palavras que me confiaste e eles as receberam; reconheceram verdadeiramente que saí de junto de ti e creram que me enviaste”.*

#### 4.4. Qualidade e modo da Revelação

**28. Revelar como?** — Por fatos e palavras intimamente conexos, como afirma o Concílio Vaticano II em um número fundamental para compreender o tema Revelação:

*Dei Verbum n. 2* — *Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Efésios 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cf. Efésios 2,18; 2 Pedro 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. Colossenses 1,15; 1 Timóteo 1,17), na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos (cf. Êxodo 33,11; João 15,14-15) e convive com eles (cf. Baruc 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta “economia” da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens manifesta-se nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação.*<sup>31</sup>

Foi decisão de Deus mesmo o ato de revelar-se e o processo como isto aconteceria gerado também por Ele. No momento certo, da maneira e com o tempo certo.

**Gálatas 4,4-5:** *...quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher e foi submetido a uma Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção.*

#### 4.5. Motivo da Revelação

**29. Revelar por quê?** — Porque o Senhor não gosta da solidão e está continuamente gerando vida. Ele é a vida. Revelar para dar a vida, para

<sup>31</sup> CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. In: *Compêndio do Vaticano II*, p. 122.

restabelecer a paz e o amor entre as criaturas e o Criador. Assim, o Senhor é o agente da Revelação.

**Colossenses 1,15.17-20:** <sup>15</sup> *Ele é a imagem do Deus invisível, primogênito de toda criatura [...];* <sup>17</sup> *Ele é antes de tudo e tudo subsiste nele.* <sup>18</sup> *Ele é a cabeça do corpo da Igreja; ele é o princípio, o primogênito dos mortos, para ter a primazia em todas as coisas.* <sup>19</sup> *Aproouve a Deus fazer habitar nele a plenitude* <sup>20</sup> **e por ele reconciliar tudo para ele, pacificando pelo sangue de sua cruz todas as coisas, assim as da terra como as do céu.**

#### 4.6. Objetivo imediato da Revelação

**30. Revelar para quem?** — Para quem está vivo **hoje**. A Revelação é perene, permanece apesar das dificuldades e desencontros da História. Mesmo que Israel tenha sido infiel toda a sua história, a Revelação é constante e Deus é fiel. O Senhor não pode dizer não a si mesmo.

Revela-se para quem está distante, longe do grupo dos fiéis. Mas para quem está perto também, pois pode ser que tenha esquecido. Revela-se para quem supostamente entende e para quem declaradamente não entende. Revela-se para quem acha que entende e, sem entender, confunde e se perde. Revela-se para dar a conhecer e, levando ao conhecimento, cativar, arrastar e envolver em um abraço “sacramental” — revela-se para mim, para você, para todos.

**João 17,25-26:** <sup>25</sup> *Pai justo, mesmo se o mundo não te conheceu, eu te conheci, e estes conheceram que tu me enviaste.* <sup>26</sup> *Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecido, para que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles.*

#### 4.7. Características da Revelação

**31. Revelação é proximidade com o Mestre** — Estar próximo do Senhor é comungar de sua vida, de sua existência. A Encarnação é isto: irrupção de Deus na nossa História que se torna Economia da Salvação e passa a ter um sentido. Por isso, Jesus deseja em João 14,3: *Onde eu estiver, estejais também vós.*

**32. Revelação é conhecer o Caminho que deve ser seguido** — Quem mergulha na Revelação e tenta compreendê-la não poderá deixar de crer que é possível a salvação. Não caminhamos cegamente para um túmulo onde tudo será podridão e negação. Não posso aceitar isto, e tal constatação me revolta. Mas caminhamos para o Senhor que nos dá a vida. Assim diz o Senhor em João 14,4: *E vós conheceis o caminho para onde vou.*

**33. É caminhar por Jesus Cristo e em Jesus Cristo** — Jesus Cristo é o Caminho. Então é sobre Ele que se caminha e se encontra o bom termo da viagem. João 14,6: *Ninguém vem ao Pai senão por mim.*

**34. Jesus revela o Pai** — Isto é o fundamental da missão de Jesus: revelar, dar a conhecer o Pai. O mesmo Deus que se manifestara a Abraão e aos Patriarcas, a Moisés e aos profetas, o mesmo Deus deseja dar amor e, assim desejando, dá o Filho. João 14,9: *Quem me viu, viu o Pai.*

**35. Estar com Jesus é estar com o Pai** — O gosto de estar com alguém importante e famoso é poder partilhar de sua realidade, saborear o sonho de estar com aquela alegria ou o sentimento desejado que aquela figura expressa. Estar com Jesus é estar com Pai. João 14,10: *Eu estou no Pai e o Pai está em mim.*

**36. Mundo e Homem** — Pode-se chegar a conhecer a Deus através do Mundo e do Homem, como diz o Catecismo da Igreja Católica, nn. 31-35. Mas é sobretudo através do próprio Deus que isto acontece. Ele vem em Jesus Cristo e se revela. Christoph Theobald expõe em sua obra textos de uma notável estética e profundidade. Não podendo transcrever tudo o que desejaria fazer, apresento apenas este trecho:

O gênio de Jesus não consiste apenas no fato de ter encontrado as palavras que abrem o segredo da vida; consiste em ter falado de tal maneira que outros pudessem, depois dele, arriscar sua própria palavra e inventar outras parábolas; o Novo Testamento é o traço dessa criatividade parabólica. Ele convida o leitor a comprometer-se num trabalho poético e artístico, suscetível de exercer a função de abertura das parábolas de Jesus em outras culturas.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Christoph THEOBALD. *Revelação*, p. 221-22. Recomendo uma leitura atenta desta obra muito interessante.

Este processo não termina naquele momento: pelo contrário, é um longo processo que se iniciou no chamado de Abraão e terminou na expansão da Igreja. **É o tempo da Revelação escrita que chamamos Escritura, da qual a Bíblia é o Livro.**<sup>33</sup> Talvez seja este o sentido da palavra do Senhor na afirmação da comunidade de Mateus no Evangelho homônimo:

**Mateus 28,20b:** *Eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.*

A esta afirmação a Igreja responde com as palavras da “Revelação”, o Apocalipse:

**Apocalipse 21,20-21:** *“Sim, venho muito em breve!” Amém! Vem, Senhor Jesus! A graça do Senhor Jesus esteja com todos! Amém!*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática sobre a Sagrada Revelação “Dei Verbum”*. Apud: COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, Decretos e Declarações*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000, 744 páginas.
- DANESI, Giacomo. As epístolas de João. In: BALLARINI, Teodorico; VIRGULIN, Stefano; LYONNET, Stanislas. *Introdução à Bíblia*; Vol. VI/2. BALLARINI, Teodorico; DANESI, Giacomo; MONTAGNINI, Felice; RAMAZZOTTI, Bruno; STRAMARE, Tarcisio. *Epístolas do Cativoiro, Pastorais, Hebreus, Católicas, Apocalipse*. Trad. Oswaldo Antonio Furlan. Petrópolis: Vozes, 1969, 540 páginas.
- FEUILLET, A. *O prólogo do quarto Evangelho*. Estudos de teologia joânica. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1971, 186 páginas. (Coleção Bíblia n. 12).
- FITZMYER, Joseph A. *A Bíblia na Igreja*. Trad. Bárbara Theoto Lambert. São Paulo : Loyola, 1997, 108 páginas. (Coleção Bíblica Loyola, n. 21).
- GIRALDO, Cesare. *Admiração eucarística*; para uma mistagogia da missa à luz da encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Trad. Orlando Moreira. São Paulo: Loyola, 2008, 198 páginas.
- . *Num só corpo*; tratado mistagógico sobre a Eucaristia. Trad. Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2003, 619 páginas. (Coleção Teológica, n. 10).

<sup>33</sup> Cf. os inspiradores e profundos textos de Christoph THEOBALD, *Revelação*, p. 103-116. René LATOURELLE, *Teologia da Revelação*, p. 41-90. Nesta última obra, um extenso tratado de Teologia da Revelação, encontramos os fundamentos necessários para a compreensão do fenômeno teológico “Revelação”.

- GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia*; verdade e caminho da Igreja. São Paulo: Loyola, 2008, 302 páginas. (Coleção Teológica).
- LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*. Trad. Flávio Cavalca de Castro. São Paulo: Paulinas, 1972, 592 páginas. (Coleção Teológica, n. 5).
- LEON-DUFOUR, Xavier. *O Pão da Vida*; um estudo teológico sobre a Eucaristia. Trad. Ary E. Pintarelli. Petrópolis: Vozes, 2007, 182 páginas.
- ORTEGAY GASSET, J. *Meditação do Quixote*. Apud: SCIACCA, Michele Federico. *História da filosofia*; do século XIX aos nossos dias. Trad. Luís Washington Vita. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1962, 410 páginas.
- MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do Cristianismo*; os Atos dos Apóstolos. Trad. Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2003, 348 páginas. (Coleção Bíblica Loyola, n. 35).
- PEDROSA, V. M.; NAVARRO, M. et alii. *Dicionário de catequética*. Trad. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2004, 1144 páginas. (Série Dicionários).
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006, 166 páginas. (Coleção A voz do Papa, n. 134).
- SANTO AGOSTINHO, *A doutrina cristã*; manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002, 284 páginas. (Coleção Patrística, n. 17).
- SCHÖKEL, Alonso Maria, *Dicionário bíblico hebraico-português*. Trad. Ivo Stornio, José Bertolini. São Paulo: Paulus, 1997, 798 páginas.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed., revista e ampliada. 2ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2007, 304 páginas.
- SKA, Jean Louis. *A Palavra de Deus nas narrativas dos homens*. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2005, 144 páginas.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000, 526 páginas. (Coleção Bíblia e História).
- STRAMARE, Tarcisio. *La teologia della divina Rivelazione*. Casale Monferrato: Portalupi Editore, 2000, 206 páginas.
- . *Apocalipse*. In: BALLARINI, Teodorico (org.). *Epístolas do Cativo, Pastoris, Hebreus, Católicas, Apocalipse*. Cap. XI. Apud: BALLARINI, Teodorico et alii. *Introdução à Bíblia*; Vol. VI/2. Trad. Oswaldo Antonio Furlan. Vozes: Petrópolis, 1969, p. 457-526.
- THEOBALD, Christoph. *A Revelação*. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2006, 252 páginas.
- VV.AA. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. (Organização: Ângelo di Berardino) Trad. Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002, 1484 páginas.